

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 234

11 de janeiro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Eu queria terminar aqueles últimos parágrafos do texto de Robin Phillips, *O Ilusionista*, e fazer mais alguns comentários sobre a Escola de Frankfurt. Eu vou voltar um pouco atrás:

“Nenhum aspecto da sociedade ocidental, desde a limpeza até Shakespeare, ficou imune à crítica. Mesmo o ato de assobiar foi desconstruído por Adorno, para quem o assobiar indicava o controle da música e era sintomático do insidioso prazer que os ocidentais gozavam ao possuir a melodia.

É de se duvidar que Marcuse alguma vez tenha ficado irritado com o ato de assobiar. O que o levava à loucura, na verdade, era o trabalho. Um bom dia de trabalho honesto era, para ele, um dos aspectos mais repressivos da civilização que ele esperava solapar. Como alternativa, Marcuse exigia aquilo que denominara a convergência de trabalho e lazer.

A libido era a chave para essa utopia pré-civilizada. Marcuse demandava uma sexualidade polimorfa, envolvendo “uma transformação da libido da sexualidade constrangida sob a supremacia genital e uma erotização de toda a personalidade.” Uma vez que esta transformação ocorresse, o trabalho já não ocuparia um papel tão importante no Ocidente. Em *Eros e Civilização*, Marcuse escreveu que o tempo de trabalho, que é a maior parte do tempo de vida do indivíduo, é um tempo doloroso, pois trabalho alienado é a ausência de gratificação, a negação do princípio do prazer.

Em seu livro *Idiotas Intelectuais*, Daniel J. Flynn presta uma grande ajuda ao comparar as posições de Marcuse sobre o trabalho com as de Marx: “Marx argumentava contra a exploração do trabalho; Marcuse, contra o próprio trabalho.” ‘Não trabalhe, transe’: esta foi a mensagem simples de *Eros e Civilização*, lançado em 1955. Suas idéias mostraram-se extraordinariamente populares na cultura hippie incipiente da década seguinte – não foi bem a cultura hippie, foi mais a cultura da New Left. Ele forneceu a justificativa para a preguiça e transformou vícios degradantes em virtudes pessoais. Essa elevação da preguiça incluía a rejeição consciente do trabalho para manter-se limpo. Assim, Marcuse argumentava que aqueles que retornassem a um estado mais primitivo deveriam rejeitar a higiene pessoal e experimentar a liberdade de abraçar um “corpo não poluído pela limpeza de plástico.”

Nós podemos perguntar como é que esses filósofos chegaram a algo assim tão degradante e tão idiota no fim das contas. Mas, ao estudarmos as origens da Escola de Frankfurt, veremos que esses camaradas não eram idiotas de maneira alguma e não eram sequer pessoas mal intencionadas, mas filósofos muito sérios e que estavam realmente empenhados na busca da verdade. Porém, o que começou com uma tragédia intelectual, acabou se transformando em uma palhaçada, mais ou menos como dizia Karl Marx: a história se repete, a primeira vez como drama, a segunda vez como farsa. O começo da Escola de Frankfurt é um drama ou uma

tragédia intelectual, e o fim é isto, uma farsa, onde toda aquela instigação da juventude, a rebelião contra as autoridades, termina quando os alunos de Theodore Adorno invadem a sala dele e o desrespeitam, o humilham em público, como recentemente fizeram com Paulo Ghiraldelli. Adorno foi o precursor de Paulo Ghiraldelli. A coisa vai baixando. Começa com altas especulações intelectuais e termina com um garoto fazendo uma bagunça na sala do Adorno e depois na do Ghiraldelli. Não me perguntem o que vem depois disso.

Como começou essa história? Tanto Theodor Adorno quanto os outros membros da Escola de Frankfurt – com exceção de Marcuse, que era de origem modesta –, eram todos da alta burguesia alemã, particularmente o pai de Adorno, Oscar Wieselgrund, que era dono de uma das maiores vinícolas da Alemanha, um homem próspero que se casou com uma cantora de ópera italiana. O pai era de origem judaica e a mãe era católica e insistiu que Adorno fosse educado numa escola católica, mas em vão você procurará na obra de Adorno qualquer sinal da sua educação católica ou, mais ainda, de uma identidade católica. Isso é muito estranho porque dizem que na infância ele participava [do ambiente católico], ia à Missa, se confessava, comungava; porém, quando chega pelos 18 anos, ele já tinha assumido praticamente uma identidade judaica, o que é estranho, porque ele, tecnicamente falando, não era judeu. A hereditariedade judaica é por [parte de] mãe; logo, ele, sendo apenas filho de pai judeu, não era judeu de maneira alguma. Para ser judeu, Adorno precisaria se converter ao judaísmo, mas, como dizem que na classe em que ele estudava, o tratavam como judeu, ele de algum modo absorve isso.

Temos [nesse período] toda uma geração de intelectuais judeus de alta classe, de classe rica, mas já sem nenhuma conexão orgânica com a religião judaica, ou seja, não eram judeus praticantes, eram “judeus sociais” por assim dizer, “judeus culturais”, mas sem ligação com a tradição. Não obstante, todos eles têm uma vasta cultura religiosa, tanto judaica quanto cristã, mas sem qualquer substrato de vida religiosa. É impressionante, porque eles leram tudo o que existe e, já ainda muito jovens, absorveram toda a cultura clássica e alta cultura do seu tempo, e pode-se dizer que aos vinte um ou vinte e dois anos eles estavam literalmente empanturrados de idéias, ao mesmo tempo em que com a Primeira Guerra eles viram todo aquele mundo que tinha gerado a alta cultura, o mundo da burguesia alemã, desabar. Então, a Primeira Guerra pode ser considerada realmente o fim da época do equilíbrio marcado pela democracia parlamentar em vários países da Europa, e quando ela terminou, todos estavam desiludidos com isso; daí surge a divisão, uns camaradas vão para o lado socialista, outros para o lado fascista e muitos transitam entre ambos.

Entre os elementos comuns a essas duas culturas, fascista e socialista, existe o culto da juventude, a qual parecia dotada de uma capacidade profética e de uma espécie de moralidade intrínseca superior à da geração anterior, sem que houvesse sinal objetivo algum desta superioridade – o sujeito sente-se superior pelo simples fato de ter nascido depois e de ele estar desiludido com o mundo de seus pais. Esse culto da juventude se expressa naqueles clubes que organizavam excursões, onde havia intensa convivência da juventude, mas em geral a relação era unissex, o que favorecia muito o homossexualismo naqueles meios. Siegfried Kracauer – autor de *De Caligari a Hitler*, que é um livro notável sobre a história do cinema alemão naquele período, embora sua tese me pareça errada – tinha uma atração mórbida por Adorno, que era muito jovem [naquela época] – devia ter uns quinze ou dezesseis anos – e esse tipo de atrações entre os jovens era muito comum na época. Talvez se possa dizer que na Alemanha daquele período existiu uma vasta cultura homossexual e, de modo geral, havia ali uma intensa sexualização de toda a vida. Quando Marcuse, anos depois, meio século depois nos Estados Unidos, fala em sexualização de toda a personalidade, ele está de certo modo, mostrando uma nostalgia por um ambiente que ele conheceu na juventude,.

Havia de fato este ambiente, chamava-se Berlim, “a Capital Mundial do Pecado”. As manifestações da época – teatro, cinema, anúncios, propaganda – [demonstram] um ambiente extremamente erotizado, mas onde existe essa erotização existe também, ao mesmo tempo, uma espécie de exasperação que resulta num desejo de violência. Violência e erotismo caminhavam lado a lado, e cada um buscando a erotização para si mesmo e a violência em cima dos outros; a mentalidade, nesse sentido era exatamente igual a dos grupos fascistas e socialistas.

Esse pessoal, que era ainda muito jovem, tendo absorvido a cultura européia em doses cavalares, inclusive a cultura religiosa, mas sem a viver a vida moral religiosa – a religião se tornava como que sem Deus, feita apenas de conceitos, idéias e doutrinas – misturava tudo aquilo em suas cabeças e, somando-se isso ao efeito da Guerra, resultou que eles vissem toda a Civilização com um imenso vazio e comesçassem a encará-la realmente como o reino do mal, onde tudo terminava em tragédia.

É claro que nós sempre podemos examinar isso do ponto de vista psicológico e ver como a experiência imediata deixou sobre eles uma impressão tão funda que ela mesma produziu todo o corpo de conceitos que eles vieram a desenvolver depois. O primeiro livro de Adorno, por exemplo, era sobre Kierkegaard, mas Kierkegaard era um filósofo profundamente religioso, e o simples fato de que Adorno tivesse interesse por ele já mostra até que ponto a cultura religiosa era importante para eles. Adorno elaborou uma tese sobre Kierkegaard, que é um livro ainda editado e que ainda desperta algum interesse. Ele começa por discutir ali as relações entre filosofia e poesia, dizendo que quando uma filosofia é chamada de poesia isso a está rebaixando, de certo modo está expelindo a filosofia, mas, [ao mesmo tempo], Kierkegaard às vezes afirmava que sua filosofia era poesia e outras vezes ele negava isso completamente, de maneira que há uma ambiguidade dentro do próprio Kierkegaard. Adorno tenta sair disso através do apelo ao método de Hegel. Adorno diz que se considerarmos filosofia como ciência, então isso significa que cada conceito que usarmos terá de corresponder a um objeto determinado e que, na poesia, isso evidentemente não acontece, pois a poesia é pura essência, tem vários graus de significado e não conseguimos apontar um objeto preciso ao qual cada termo esteja se referindo, mas que o que é próprio da filosofia é exatamente que os conceitos no início não correspondam a nada determinado mas que através da elaboração dos conceitos e da construção da totalidade, isto é, do conjunto do sistema, todos os conceitos entram nos seus devidos lugares, inclusive os falsos e os que foram usados provisoriamente para serem abandonados depois. Isso é inteiramente correto, mas qual é a explicação disso? A explicação já estava em Aristóteles, na *Teoria dos Quatro Discursos*, ou seja, toda especulação feita sobre uma área nova da experiência começa com o poético, com a imaginação poética, começa por sondar o possível, onde tudo está marcado pela ambiguidade, pela nebulosidade, e aos poucos aquilo vai sendo depurado.

Adorno não nega isso, mas pensa que só quem resolveu o problema foi Hegel, que usa conceitos ambíguos, mas no fim, quando o sistema está totalmente pronto, todos os conceitos entram em linha. Porém, quando se usa um conceito ambíguo, este já tem de corresponder a algo. Quando se usa um conceito falso, muitas vezes não há outra maneira de investigar algo se não trabalhando os conceitos falsos até poder abandoná-los em seguida. O que é um conceito falso para Hegel? É um conceito unilateral – ele destaca um aspecto de algo, mas não capta a sua totalidade vivente. [Esse tipo de pensamento] é o que eu chamaria de “pensamento metonímico”: você começa a usar a metonímia porque não sabe com que substância está lidando, não sabe qual o objeto efetivo; logo, você o designa por uma de suas propriedades e acredita que ela é o todo. O pensamento metonímico é o grau mais baixo do pensamento filosófico, onde começa a arranhar alguma coisa, mas você tem de ter a

consciência de que está usando pensamento metonímico e que aqueles conceitos que você usou no começo terão de ser substituídos mais tarde.

Podemos perguntar o seguinte: se Kierkegaard odiava Hegel, por que Adorno tenta resolver os enigmas de Kierkegaard baseado em Hegel? Eu acho que é pela sua absoluta incapacidade de compreender o que é a experiência cristã para alguém que crê em Deus efetivamente – porque os membros da Escola de Frankfurt, com toda a sua leitura teológica, [só conseguem conceber uma] religião sem Deus –, mas para Kierkegaard não era assim, Deus para Kierkegaard era uma presença atuante. É claro que neste nível Adorno não pode chegar, ele vai ter de explicar Kierkegaard de outra maneira.

É curioso que, na confusão daquele momento, a identidade judaica de todos eles assumisse outro significado. A idéia de Povo Eleito, da comunidade escolhida que tem que esperar pelo Messias, continua presente em suas cabeças, mas eles não acreditam mais no judaísmo; então, qual seria a comunidade na qual eles veriam esses traços, quais as pessoas eleitas que estão à espera de um Messias? Essas pessoas não têm uma crença atual, não têm uma fé atual, mas elas têm uma expectativa, uma esperança, e transferem isso para a comunidade dos intelectuais, especialmente eles mesmos. Portanto, já não é o povo judeu o Povo Eleito, mas “somos nós, que sofremos esse impacto todo, nós que nos desiludimos com todas as fés. Nós não temos nada para acreditar, mas nós acreditamos que é possível uma verdade, então, na expectativa desta verdade o que nós fazemos? Nós destruimos todas as falsidades, e esta então é a nossa missão”. Então, a comunidade intelectual, a comunidade dos filósofos, especialmente a própria Escola de Frankfurt, é uma espécie de Povo Eleito auto-nomeado, é uma transferência. O Povo Eleito deixa de ser os judeus e passa a ser eles mesmos, que também por coincidência eram quase todos judeus, mas a sua eleição não consiste em terem sido chamados por Deus num tempo antigo, mas em terem sido colocados numa posição onde eles já não podem acreditar em nada, onde todos os valores foram esvaziados.

É evidente que, para lidar com isso, eles têm de usar um método dialético, porque se você não tem crença alguma, se não acredita em valor algum, mas você acredita numa possibilidade de um valor futuro, uma verdade futura, então em busca dessa verdade futura você vai ter de partir da própria situação nebulosa em que está e ir conduzindo isso numa dialética para que um dia chegue em uma verdade possível e futura. É por isso mesmo que eles chamaram de “dialética negativa” esse processo: nós não podemos afirmar nenhum valor, mas todos os que afirmamos nós negamos em seguida.

Em toda a Escola de Frankfurt, encontraremos a negação da afirmação e a afirmação da negação o tempo todo, e isso até em detalhes mínimos. Por exemplo, Adorno diz que o ocidental gosta de assobiar porque ele quer provar que tem o domínio da melodia; porém, qualquer pessoa que toca qualquer coisa domina a melodia, logo, o assobio é a forma mais rudimentar de domínio. Para tocar uma flauta ou um piano, você precisa dominar muito mais. Então, esse conceito de que o assobio [serve para o ocidental provar] o domínio da melodia é o tipo de conceito metonímico, um conceito falso que terá de ser abandonado em seguida. Por isso mesmo, encontra-se nessa Escola toda sorte de contradições, como por exemplo: Adorno escreve uma série de estudos contra o jazz, mas ele mesmo tocava jazz e o apreciava. Nós mesmos podemos experimentar esses dois lados, porque estamos no processo da investigação: eu vou destruir o jazz e depois destruo a minha crítica do jazz, e assim por diante, e a expectativa do valor positivo futuro é evidentemente inalcançável.

Não é de espantar que, durante algum tempo, isto é, desde o começo da Escola de Frankfurt até os anos 60 do século XX, esse valor acabasse se identificando com o puro prazer: o prazer

torna-se o supremo e único valor concebível. Mas ao mesmo tempo, haverá toda uma série de críticas contra as formas alienadas de prazer que, segundo eles, seriam uma característica do capitalismo. Porém, quando eles tomam consciência de todos os horrores pelos quais [as pessoas] passavam na União Soviética, isso foi apenas mais um motivo para fortalecer a idéia da “dialética negativa”, pois havia mais uma coisa que também não presta. No fim das contas, a idéia fundamental da Escola de Frankfurt é esta: ninguém presta exceto nós, porque nós somos a comunidade expectante, a comunidade que está em busca e que tem a expectativa de um Messias, nós somos o Povo Eleito. Isso é o que está no fundo de toda essa confusão.

Robin Phillips demonstra isso de maneira um pouco vulgar, mas no fundo, não existe só essa estupidez que ele está mostrando; termina com uma estupidez realmente – as coisas que o Marcuse diz são cretinadas mesmo –, mas aquilo foi [o resultado de] uma longa decadência. Até o próprio Lukács começa com interesse religioso, com a busca teológica, e termina com a apologia da “suruba universal”. É [como aquela frase]: saída de leão, chegada de cão. Mas nós não devemos desprezá-los por isso, porque de algum modo todos nós participamos desse drama, sobretudo atualmente quando os cristãos, por exemplo, estão se desiludindo até com o Papa, a Igreja se desfazendo em pedaços. Ficamos com o estado de espírito mais ou menos parecido com o da Escola de Frankfurt, acabamos pensando que o Povo Eleito somos nós mesmos. Todos estamos passando novamente por essa experiência, não somente em escala européia, mas agora em escala global. E é por isso que o estudo da Escola de Frankfurt não deixa de ser útil, porque eles vivenciaram experiências que, de certo modo, hoje têm alcance mundial.

Feito isso eu vou responder a uma pergunta de um de meus alunos sobre a psicologia do século XX. Ele fez uma pergunta pessoal para mim já há várias aulas, até mandou a pergunta pelo Facebook, repetiu e eu não tive tempo de responder. Ele diz:

Aluno: Quais foram os motivos da sua desilusão com a psicanálise e com outras escolas de psicologia?

Na verdade, essa desilusão nunca aconteceu. A psicologia do século XX progrediu de maneira extraordinária, de modo que hoje, o número de novas descobertas é quase inabarcável. Talvez tenha progredido mais do que qualquer outra ciência, mas o que não existe é uma teoria unificada. Existem investigações tão inconexas que até encontrar uma linguagem comum para explicar uma e outra é quase impossível. No Brasil, quando se fala em psicologia, só se estuda praticamente behaviorismo e psicanálise, e isso basta para colocar as pessoas numa enorme confusão, porque não existe uma linguagem comum entre as duas coisas e o que pode haver em comum seria apenas o seu materialismo, as premissas materialistas, mas, por exemplo, não há como explicar a teoria da libido de Freud em termos de behaviorismo e a teoria dos reflexos condicionados em termos da teoria da formação do id, de Freud.

A minha experiência com isso foi a seguinte: qualquer ponto de vista psicológico tem de encarar a psique humana como um fenômeno que existe em si mesmo, não pode se referir a coisas do “mundo externo” por assim dizer; então, daí surgem problemas, pois essa ciência de algum modo acaba excluindo os fatores objetivos. Quando Jung, por exemplo, em sua obra, fala em Deus, ele não quer dizer [o Deus real], ele quer dizer a imagem de Deus na psique humana. No livro de Paul Diel, o simbolismo na Bíblia e o simbolismo das fábulas, por exemplo, também [se referem apenas a] uma imagem na psique humana. Porém, a questão decisiva é se essa imagem é imagem de alguma coisa ou se é somente um fenômeno psíquico; porém, na medida em que a psicologia só trata de fenômenos psíquicos, ela vai até certo ponto e daí por diante sobram imensos pontos de interrogação.

Na década de 30 [do século XX], houve na Alemanha um psicólogo extremamente interessante chamado Willy Hellpach, que estudava um fenômeno chamado “geopsique”, ou seja, a relação entre os fenômenos geológicos, geotérmicos, climáticos etc. e a psique humana. Infelizmente essa linha de investigações não foi levada adiante, só quem cuidou disso muito mais tarde foi Rupert Sheldrake a partir da idéia de “ressonância mórfica”: como acontecimentos psíquicos que se desenrolaram em certo ponto da Terra estavam acontecendo exatamente em outro ponto da Terra que não tem [conexão alguma com o primeiro]? Por exemplo: colocam-se ratinhos em um laboratório e eles estão tentando aprender a saída do labirinto; no instante em que um deles descobre a saída, o outro ratinho no outro laboratório também descobre.

Jung diria que esse é um fenômeno de sincronicidade, mas se alguém me perguntar o que acho da teoria da sincronicidade, eu direi que a sincronicidade não é uma teoria, é o nome de um fenômeno, porque as coisas acontecem ao mesmo tempo. [Falar em] sincronicidade é o mesmo que dizer que as coisas acontecem ao mesmo tempo porque acontecem ao mesmo tempo. É como um professor de física que dizia que movimento retilíneo e uniforme é aquele movimento que além de ser retilíneo é também uniforme. Isso quer dizer que a idéia mesma de que exista um fenômeno chamado *psique humana*, que pode ser estudado nos seus próprios limites, já é altamente duvidosa. Esse foi um dos motivos pelos quais eu vi que os estudos de psicologia estavam sendo estéreis para mim, porque eu me perguntava o seguinte: as categorias do pensamento humano – tal como Aristóteles as descreveu e classificou em uma lista, e Kant fez o mesmo posteriormente – são categorias do pensamento humano e categorias do ser ao mesmo tempo, isto é, são atributos objetivos do ser? Isso porque um ser tem uma substância, ele é alguma coisa, ele tem qualidades, existe numa certa quantidade, tem certas relações com outros objetos etc.

Transcrição: Denis Rinaldi, 08/12/2014 [denis.rinaldi@brsit.com.br]

Parte 2

Para Aristóteles, não existia esse abismo entre a psicologia e o restante do mundo. Mas essa perspectiva unitária aristotélica – que via a psique humana como um fenômeno dentro de um universo – se perde, e na medida em que a psicologia se constrói como ciência independente, essa independência não é somente em relação às outras ciências, mas em relação ao mundo, de algum modo. E eu, em parte levado pelo contato que tive com a astrologia durante algum tempo, comecei a me perguntar se as categorias do nosso pensamento estão “no nosso cérebro” ou se elas são estruturas do universo exterior que de certo modo se imprimem em nós e, por assim dizer, nos comprimem e nos obrigam a enxergar as coisas de certa maneira.

Um fenômeno que sempre me chamou a atenção foi o das direções do espaço (até falei sobre isso numa publicação no meu blog): como eu, quando era criança, ficava deitado por muito tempo, doente, a dimensão da verticalidade estava mais presente para mim que a da horizontalidade, e quando eu levantava e entrava no mundo horizontal, sentia-me meio perdido; então, eu notava que para me orientar de algum modo, eu me apoiava numa referência externa. Não era eu quem inventava as direções do espaço – elas não estavam dentro de mim –, se elas fossem produtos do meu cérebro elas poderiam funcionar e operar independentemente de qualquer referência externa; mas, ao contrário, elas eram referências externas. Então comecei a me perguntar: quanto da chamada ‘psique humana’ não está, verdadeiramente, no universo que nos circunda? Eu olho, por exemplo, os meus livros, a minha biblioteca inteira, e vejo que tudo isso são instrumentos mnemônicos; quer dizer, a minha memória está ligada a tais objetos e, se alguém os retirar, eu não os tenho todos dentro

da minha cabeça. O funcionamento da psique depende o tempo todo de presenças físicas; por exemplo, quando você acorda e não sabe onde está, você olha em volta e vê que é o mesmo quarto da véspera, e assim por diante. Logo, essa questão dos dados e dos objetos externos que estão servindo permanentemente de suporte para a nossa psique, desde o tempo do Willy Hellpack – para não dizer, desde o de Aristóteles – tinha ficado fora do alcance da psicologia.

Mais tarde, com o avanço da neurofisiologia, a idéia de procurar cada vez mais no cérebro o segredo da psique humana, do conhecimento, das emoções etc., desviou as pessoas ainda mais do fato de que o cérebro não é um elemento da psique, ele é uma coisa física que existe espacialmente no mundo. E o cérebro como tal não pode se relacionar com idéias, com conceitos, só pode se relacionar com coisas. O cérebro está dentro da sua caixa craniana – a qual está no topo do seu esqueleto –, que está colocada no mundo físico em torno, e, quanto mais se vasculha o cérebro, mais se chega a enigmas. Por exemplo, o fato repetidamente confessado por neurofisiologistas de que eles não encontraram nenhum sinal de consciência dentro do cérebro faz com que eu afirme: a consciência não pode estar localizada em lugar algum porque ela é uma relação que se estabelece entre a pessoa e o objeto. Não se pode ter consciência de um sapo se não houver sapo. Como se poderia encontrar explicação disto no cérebro humano? Jamais. Pode-se encontrar na relação se você colocar [o objeto] entre o cérebro e o corpo – o formato do corpo, o peso, a estatura e a posição deste no universo físico em torno.

A minha pergunta, portanto, é esta: as categorias do nosso pensamento, se você procurá-las no cérebro, não as encontrará; mas, como é que o cérebro as reconhece? Reconhece porque, para existir um cérebro, é preciso toda uma série de condições físicas, espaciais e temporais que pesam sobre o nosso organismo e determinam que nós sejamos aquilo que somos. Isso é a mesma coisa que dizer: onde está a nossa consciência? A nossa consciência está por aí, está no espaço em torno, e nós participamos dela de algum modo.

Quando, por exemplo, você fica longe de uma pessoa por algum tempo e tenta recordar seu rosto, logo vê que só obtém uma representação esquemática muito rudimentar. Aquilo vai simplificando, simplificando e, após um tempo, você mal reconhece a pessoa; e, no entanto o rosto dessa pessoa, a recordação dela, é um elemento constante da sua psique – é um elemento fundamental da sua vida psíquica. Por exemplo: quando você ama ou odeia uma pessoa, aquilo é uma referência para você; e isto não está no seu cérebro, pois se retirar a pessoa, logo o cérebro apaga aquilo. Então, isso quer dizer que a presença dessas pessoas é um elemento da nossa psique. Porém, essa linha de investigações – a psique como uma relação com o mundo externo, o mundo físico – se perdeu há muito tempo. E, se até isso foi perdido, quanto mais não se terá perdido a nossa relação com os mundos espirituais. Se nem o mundo físico está presente na psicologia, quanto mais os mundos espirituais.

Qual é a solução para isso? [Os profissionais da neurofisiologia] adotaram uma linha materialista. Mas eu sou mais materialista do que eles porque não acredito que a psique seja um objeto que possa ser estudado em si mesmo. A psique tem de ser recolocada no seu ambiente físico, não só no corpo. As pessoas às vezes tentam resolver a coisa em termos de ‘mente e corpo’, mas o enigma de mente e corpo não pode ser resolvido, porque um e outro estão dentro de um universo físico sem o qual eles não existiriam. Cada um dos elementos que compõem o meu corpo foi retirado da terra, não saiu do zero, não fui eu que por mágica os criei. Como eu não seria sensível a todo este ambiente físico que me rodeia? Ambiente físico não só terrestre, mas também temos de considerar o ambiente cósmico. Por exemplo, a simples hipótese de que toda a configuração celeste, todas as posições e movimentos dos

astros no céu não tenham relação alguma com a nossa psique é totalmente inviável; o problema não é perguntar se existe alguma relação, mas perguntar como poderia não existir?

O conjunto do que os astrólogos escreveram ao longo do tempo pode ser uma besteira sem fim, mas a premissa fundamental, a de que a nossa vida psíquica tem algo a ver com o ambiente terrestre e cósmico, é imbatível. Ocorre que toda essa linha de estudos, que eu saiba, foi abandonada há muito tempo e só quem se interessou por ela foi Rupert Sheldrake – que é reconhecido como um gênio, mas é um *outsider* de alguma maneira. O assunto dele é a relação entre o que se passa nos organismos psicofísicos e o imenso ambiente espacial e temporal que os transcende; esse é um campo de investigação absolutamente ilimitado. Acho que Sheldrake foi o sujeito que abriu a porta para o progresso deste estudo daqui para diante, mas tudo isso ainda está muito rudimentar; nós não sabemos sequer a relação entre a genética e a psique, relação esta que foi aberta por Lipot Szondi, que foi o primeiro a enfatizar a importância do elemento genético na conduta humana, em uma época em que não se conhecia o ADN; e, no entanto, as descrições dele foram amplamente confirmadas depois que se descobriu o ADN. Mas até hoje é difícil separar uma coisa da outra.

A idéia, por exemplo, da influência cultural, os elementos culturais que moldam a personalidade. Hoje em dia isso é um dogma da nossa cultura: ‘a cultura molda a personalidade e o que se pode fazer é apenas construir a personalidade do zero’. Como se o ser humano fosse uma substância plástica que a engenharia social pode moldar a seu bel-prazer. Mas eu pergunto: como a engenharia social poderia moldar [a personalidade humana] sem moldar, ao mesmo tempo, o ambiente físico? Existe toda uma outra linha de investigações possíveis: como mudar a cabeça das pessoas mudando o ambiente físico? Os membros da Bauhaus estudaram isso durante algum tempo e acreditaram que poderiam criar um novo tipo de homem – um homem socialista – através de mudanças na arquitetura e no urbanismo: inventaram esses ‘conjuntos habitacionais’ (o DNH copiou), e hoje se sabe que esse tipo de conjunto cria um novo homem, mas este novo homem é, na maior parte dos casos, um delinqüente; ou seja, cria-se uma fábrica de bandidos; não era isso que estava no plano. Isto quer dizer que a tentativa de dominar a psique humana através do ambiente físico fracassou por causa da superficialidade dos estudos existentes até então. Eu duvido muito, por exemplo, que os membros da Bauhaus tenham estudado as obras do Willy Hellpack, que foi até publicado em português. Existe um livro [desse autor] chamado *Geopsique* (uma tradução medonha, mas existe).

A partir dos anos [19]60, começa a surgir certa consciência de que a manipulação do ambiente físico tem limites, quando surge a “consciência ecológica”: ‘nós alteramos tanto [o ambiente] e de repente começa a dar tudo errado’. O fato, no entanto, é que a situação não mudou muito em relação ao homem de Neandertal. O nosso domínio sobre o ambiente físico continua sendo precário, porque, na medida em que ele aumenta, aumentam os efeitos colaterais que não controlamos. Porém, é a partir daí que surge a idéia da sociedade administrada – a administração total. No início da Escola de Frankfurt, seus primeiros membros – especificamente Friedrich Pollock – tinham um entusiasmo extremo pela idéia da ‘economia planejada’. Mas como se planeja a economia sem planejar também, por exemplo, a educação? Se a economia é modificada, será preciso treinar as pessoas para que elas possam se adaptar à nova modalidade de economia; logo, isso implica a educação. Mas como mudar a educação sem mudar a cultura, os valores, a arte, o cinema, a propaganda etc.?

Surge daí a idéia da ‘programação total’ e, evidentemente, há nisso um pequeno problema: existem outras pessoas que têm outras idéias a respeito da programação total. Cada um dos três grupos globalistas tem o seu projeto; portanto, há três mundos unificados em

concorrência. Tudo isso reflete no fundo o desejo de ter a tecnologia, de resolver de maneira forçada problemas cuja compreensão teórica está ausente. Logo, esta é a situação: a tecnologia progride formidavelmente, descobrem-se coisas novas todos os dias, mas isso desencadeia um processo que ninguém conhece, e depois surgirão mais problemas.

Um campo que seria necessário ampliar muito é o da ‘ecopsicologia’ (não sei se Hellpack chegou a usar essa palavra, mas era isso que ele estava fazendo): o estudo da psicologia dentro do seu ambiente físico. Devemos, no entanto, perguntar: quais são os limites deste ambiente físico? Por exemplo: onde acontecem os fenômenos miraculosos? Acontecem no ambiente físico, pois não são fenômenos espirituais; um milagre espiritual seria absolutamente imperceptível para qualquer outra pessoa. Ele pode se passar na minha cabeça; por exemplo, Deus inocula em mim um conhecimento que eu não tinha: adormeço burro e acordo inteligente. Isso seria um milagre espiritual, mas ele só seria visível para mim, as demais pessoas pensariam que continuo burro como antes – a não ser que eu lhes provasse [o milagre] por indícios físicos visíveis. Isso quer dizer que se você estudar o fenômeno do ambiente físico, logo vai esbarrar no problema dos milagres, que vão mostrar que você não sabe realmente quais são os limites do ambiente físico – ele parece ter brechas por onde entram elementos de outra dimensão infinitamente maior do que todo o universo.

Um exercício imaginário que vocês podem fazer [é o seguinte]: as pessoas geralmente imaginam o mundo espiritual como algo que se passa dentro da psique, mas, se fosse assim, ele não poderia ter uma expressão física tão patente. Se você estuda as curas [operadas pelo] Padre Pio [de Pietrelcina], [pode se perguntar]: foi a psique dele que as fez? Se fosse, ele saberia explicar como fez. Mas o Padre Pio não fez, ele pediu a interferência de um outro agente.

Quando imaginamos os fenômenos de ordem espiritual como coisas da psique, estamos confundindo o canal de conhecimento com o objeto. Muitas realidades do mundo espiritual só chegam a nós através da nossa psique, ou seja, nós pensamos e chegamos a certas conclusões. Mas isso não quer dizer que elas existam na psique. Uma maneira de escapar disso é imaginar que o mundo espiritual existe fisicamente, porém, ele é muito maior que tudo o que conhecemos como universo. Ele é tão grande que não cabe no universo, mas, para compensar, a nossa psique tem algum contato [com ele]. Se você fizer essa analogia durante algum tempo, perceberá que qualquer estudo dos fenômenos espirituais que entre neles através da psique não vai descobrir nada.

Isso é a tragédia dos estudos jungianos: se você estuda a imagem dos fenômenos espirituais na psique, isso irá prendê-lo cada vez mais à psique, tanto que os fenômenos espirituais desaparecem, porque a expressão física deles não está na sua psique, mas no universo físico, e é ali que eles teriam de ser estudados. Portanto, posso dizer que não foi propriamente uma desilusão o que tive com a psicologia, mas uma percepção dos limites, perguntas não respondidas e temas não estudados. E, vendo isso, percebo que esses temas são tão vastos e gigantescos que eu mesmo não poderia cobrir o território. Então, acabo concluindo que é melhor estudar outra coisa.

Aluno: O Dadaísmo, o nonsense, a criatividade aleatória, o relativismo, toda essa sopa de letras que maquia as intenções objetivas da sociedade, afogando os seus sentidos por debaixo dos panos e pela porta dos fundos da cultura pós-moderna, poderá ser revista através de bases menos corroídas sem que haja uma revolução na mídia brasileira? Soluções como a Rádio Vox e

canais privados do Youtube (sem patrocínio) podem vir a ser a salvação para a manifestação das artes liberais neste mundo moderno?

Olavo: Em primeiro lugar, é claro que nenhuma dessas iniciativas tem por objetivo enfrentar esse problema na sua totalidade, porque esse não é um problema brasileiro, é mundial, e são distorções que vêm já há muito tempo. Praticamente podemos dizer que a única corrente significativa da cultura moderna é a mentalidade revolucionária, com toda a sua variedade de manifestações possíveis, e o que escapa disso é realmente muito pouco. É uma presença perversa que entra em todas as almas de algum modo. Então, é claro que não são iniciativas como as nossas que poderão enfrentar isso. Nós precisamos começar a criar entre intelectuais uma consciência crítica a respeito de tudo isso e, aos poucos, esperar que se desenvolva uma nova cultura, se isso for possível e se houver tempo. Por exemplo, durante esses dias eu estava conversando com o Padre José Eduardo sobre a questão da Doutrina Social da Igreja, que está atrasada em quatro séculos a respeito da modernidade, porque no século XIX todas as tentativas de formulá-la baseavam-se muito na noção do Estado cristão – o Estado como braço da Igreja – e, portanto, caindo de algum modo numa [espécie de] dirigismo estatal centralizador. Daí surge também a nebulosidade da palavra ‘liberalismo’: na medida em que alguém é contra o ‘liberalismo teológico’, ele acabará sendo contra o ‘liberalismo econômico’ também, por osmose, assim como os liberais, partindo da idéia de economia liberal, acabam aderindo, de algum modo, a um liberalismo teológico, também por osmose. Tudo isso é absurdo, é confusão, e isso não interessa a ninguém, a confusão é o campo propício de atuação do demônio.

Até enfatizei aqui: dou muita importância ao trabalho de Alejandro Chafuen, que descobriu que os escolásticos do século XVI – dois séculos antes de Adam Smith – já haviam formulado toda a idéia da economia liberal, e que eram eles os precursores de Ludwig Von Mises. Acho, por exemplo, que se não houver um diálogo intenso entre os intelectuais católicos e os liberais e *libertarians*, tudo isso estará perdido, porque o fato é que foi somente dentro do capitalismo liberal que a Igreja pôde prosperar em segurança; e, na verdade, quando a situação [ficou horrível] na Europa, os católicos correram para os Estados Unidos. Portanto, essa frescura com relação à economia liberal tem realmente de acabar.

Há quase vinte anos, eu escrevi um artigo chamado “Capitalismo e Cristianismo”, que já dizia isso. Até hoje não vi o menor sinal de uma iniciativa desse tipo. Por exemplo: a idéia de que o Estado é um braço da Igreja surgiu quando fundaram o Império Romano do Ocidente com Carlos Magno; porém, no tempo de Carlos Magno, pensar em intervencionismo estatal na economia era absolutamente impossível. A própria esfera de atuação do Estado era mínima naquela época, e transpor a mesma idéia para o Estado moderno – com todos os meios tecnológicos atualmente existentes – acabará no socialismo. Mas, ao invés de vermos alguma iniciativa de compreensão do liberalismo por parte dos intelectuais católicos, o que vemos é o Papa dando força para a Teologia da Libertação. Existe um ditado grego que diz: ‘quando os deuses querem destruir uma pessoa, primeiro a enlouquecem’. Não sei se são os deuses ou os capetas, mas eles primeiro enlouquecem as pessoas e depois as destroem. Mas é evidente que quem quer que a esta altura esteja aderindo à expectativa de acabar com a pobreza por meio da ação estatal é um idiota perfeito, seja ele Bispo, Cardeal, Papa...

Quando, por exemplo, o socialismo paga um salário de fome para um sujeito, prometendo um futuro melhor, o futuro vai ficando cada vez pior. Se o capitalista faz a mesma coisa, na geração seguinte já há uma vida melhor. Isso foi sempre assim, é a experiência histórica universal: [as pessoas] começam mal, mas progridem. Até os escravos que vieram da África adquiriram um padrão de vida infinitamente melhor sob o capitalismo do que jamais

poderiam ter na sua terra de origem. Ou seja, o capitalismo promete e cumpre. Ele não é uma maravilha, mas é o que existe de melhor. Em todo o campo da economia não se encontra coisa mais sensata que a Escola Austríaca, com todo o seu desenvolvimento, desde o início com Böhm-Bawerk até Murray Rothbard e Hans-Hermann Hoppe. No que diz respeito à economia, eles estão com toda a razão. O problema é que, como o foco deles é a economia, eles estapolum da economia para o resto; logo, acabam achando que o liberalismo funciona em todas as esferas da sociedade, o que não é verdade. [Isso] porque a proposta mesma da economia liberal é baseada na idéia da ação humana e da escolha livre. É a teoria [liberal] do valor – que se contrapõe à teoria de Marx de que ‘o valor é a quantidade de trabalho socialmente necessária para produzir alguma coisa’. [A resposta dos liberais é a seguinte]: ‘valor é o quanto as pessoas estão dispostas a pagar, e o quanto elas estão dispostas a pagar depende de valores subjetivos que elas têm’. É claro que estes valores não podem ser estabelecidos pelos mesmos mecanismos de mercado – embora as decisões sejam livres, não podemos dizer que um valor torna-se positivo para certas pessoas porque ele é aprovado pelo mercado. Isso seria o mesmo que dizer que ‘os valores só valem para fulano porque valem para os outros também’. A esfera dos valores tem de ser acessível a uma discussão objetiva que escape totalmente do controle do mercado. No entanto, é difícil fazer os liberais e *libertarians* entenderem isto: o mercado é livre, as decisões são livres, mas os valores não dependem do mercado; ao contrário, eles moldam o mercado. Isto é um dos muitos pontos que tem de ser revisto e repensado.

Quando vemos a intelectualidade católica de hoje – sobretudo depois que ficou traumatizada com o Concílio Vaticano II –, [percebemos que ela] parece não ter mais aquela flexibilidade intelectual para examinar as coisas como são. Os membros conciliares [estão em uma situação ainda pior], porque são vigaristas, e os outros estão traumatizados, revoltados e chocados – com isso não conseguem ter liberdade para pensar. O que devemos pensar é o seguinte: se o Vaticano inteiro se vender, se o Clero inteiro se vender, isso não modifica absolutamente em nada o que Cristo falou. Além disso, essa modificação é subjetiva, ela acontece dentro de um grupo humano e não na estrutura da realidade; a realidade não mudou, sua estrutura permanece a mesma. A estrutura da realidade é o *Logos*, são as Leis Eternas – e isso não vai mudar. Então, não devemos nos espantar muito [com o que está acontecendo]. Quando se fala de crise na Igreja, as pessoas já saem desmaiando, se decepcionam com o Papa: “Ah, meu mundo caiu”. Elas acham que é o primeiro Papa idiota que aparece na história? Já houve tantos! Além disso, a santidade do cargo não é afetada pela estupidez de quem está lá dentro, e as besteiras que ele fizer serão apagadas com o tempo. Também não podemos nos esquecer que a Igreja surgiu em circunstâncias absolutamente miseráveis. [Se pensamos hoje que] a Igreja está em crise, [devemos perguntar se] ela está tão ruim quanto no século I. Não está, porque naquele tempo [os cristãos] eram jogados aos leões. Hoje, pelo menos no Ocidente, isso não acontece. As pessoas falam mal de nós, nos boicotam, mas não nos jogam aos leões ainda. Então, por que chorar? Isso é hipersensibilidade.

Nós só podemos fazer face a esta cultura moderna se aparecer, não em escala nacional mas em escala internacional, uma intelectualidade cristã muito mais forte do que a de hoje. Isso é perfeitamente possível. Nós estamos trabalhando apenas na escala brasileira, que é uma escala modesta, que temos acesso. Mas vemos que em poucos anos foi possível obter um resultado extraordinário. [Percebamos] quantos talentos estão surgindo deste mesmo curso: pessoas que são muito mais capacitadas que qualquer professor universitário neste país já estão aparecendo e ocupando espaço antes que eu dissesse para eles fazerem isso. Eles não aguentaram ficar quietos e começaram a agir. Não mandei o Felipe Moura Brasil organizar o livro *O Mínimo*, e ele o fez, como o Jânio Quadros: “Fi-lo porque qui-lo”. Portanto, isso está originando uma energia criativa muito grande, que terá reflexos na cultura brasileira.

Podemos esperar que o mesmo aconteça em escala internacional? Não sei e não nos cabe conjecturar isso, cabe fazer a nossa parte.

Sílvio: Quero estudar o comunismo. Comecei agora o Seminário.

Olavo: Meu artigo “Estudar Antes de Falar”¹ traz uma lista dos livros fundamentais para entender o comunismo desde os clássicos do marxismo até os seus últimos desenvolvimentos. É um programa de leituras que eu calculo em alguns anos, não é muito. Para se tornar especialista em comunismo, em até três anos é possível cumprir esse programa. É claro que este não pode ser o único assunto que você vai estudar. Você terá de continuar assistindo ao Seminário e levar este estudo de maneira paralela. Mas a indicação [de estudos] está dada toda [nesse artigo]. Ademais, há um grupo que está se formando para estudar o revisionismo comunista — uma corrente que aparece com Grover Furr, e que tenta dizer que os crimes de Stalin não existiram, que ele era um “doce de gente” etc. Isso tem de ser evidentemente combatido, porque é uma fraude. Há um grupo de alunos que está estudando isso e talvez você se interesse por entrar também. Mas a linha principal dos estudos está dada inteirinha no artigo.

Marra Signorelli: Recentemente, houve uma discussão no Facebook a respeito das almas dos animais, se elas sobreviveriam após a morte ou não. O consenso geral foi que segundo o ensinamento tradicional da Igreja, de acordo com a teologia de Santo Agostinho, a alma sentimental dos animais é corruptível junto com o corpo, por isso, seria absurdo dizer que há animais no Céu.

Olavo: Não há contradição alguma, porque nada impede Deus de fazer outros animais. Estes animais daqui não estarão lá, mas haver animais [no Céu] é outra coisa.

Raul Lima: Gostaria de saber se há algum problema em assistir às suas aulas antigas o mais rápido possível, visto que estou mantendo o ritmo de uma aula a cada dois dias ininterruptamente.

Olavo: Não há problema algum. Depende da sua capacidade de absorção. Como você entrou agora, é mais importante prestar atenção às aulas antigas do que à atual, porque a atual você assiste só para tomar consciência de que vai chegar [naquele ponto], mas as aulas antigas são as mais importantes — inclusive dou alguns exercícios, algumas práticas, algumas leituras, e é importante que você os siga. Você está fazendo o melhor possível, assistindo uma aula a cada dois dias, está ótimo!

Marina Toledo: Tenho acompanhado as aulas e procurado fazer os exercícios, porém, ao mesmo tempo que me maravilho com grandes descobertas de análises filosóficas, eu sinto um grande travamento, porque sinto que esqueço extremamente rápido o assunto lido e tenho de reler o mesmo texto muitas vezes.

Olavo: Isso acontece comigo também, todos somos assim. Você vai guardar [na memória] apenas um esquema. Se esquecemos o rosto até mesmo das pessoas queridas e conservamos somente um esquema, [o que dizer daquilo que ouvimos] numa aula? É por isso que é importante ter uma biblioteca, ter seus documentos e incorporar tudo isso como se fosse parte de seu HD, e estar continuamente transitando ali, indo e voltando. Não se preocupe com isso. Mas se você tem realmente alguma dificuldade de concentração e de memória, no sentido

¹ Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/130813dc.html>

clínico do problema, hoje em dia existem remédios mais do que suficientes para resolver esse problema. Porém, não acredito que você tenha [essa dificuldade, pois], se você chega ao ponto de dizer que se maravilha com as grandes descobertas, é porque você as entendeu. E se entendeu, a coisa não está tão grave assim.

Aluno: A edição antiga de A Comédia Humana, de Balzac, feita pela editora Globo, é recomendável?

Olavo: Altíssimamente recomendável. É talvez a melhor edição de Balzac feita no mundo. Se você conseguir encontrar a série inteira estará afortunado.

Aluno: Quais livros o senhor recomenda para iniciar a leitura de Goethe?

Olavo: Comece por *Memórias: Poesia e Verdade*.

Aluno: Para ler bem Shakespeare é necessário um estudo histórico para compreender a sociedade da época?

Olavo: Muito pouco. Shakespeare tem referências aos personagens históricos reais, mas na verdade ele os está imaginando à sua maneira. [Por exemplo, o imperador] Júlio César não precisaria ser necessariamente da forma como ele retrata. Pode haver uma referência ou outra que você não entende, e para isso existem muitos dicionários da obra de Shakespeare dos quais você pode se socorrer e, em geral, as boas edições têm muitas indicações desse tipo. Mas não se preocupe muito com isso, porque você não está estudando Shakespeare para aprender a história tal como se passou, mas a história possível.

Aluno: O que o senhor quer dizer com “princípio de autoridade” e “Logos divino”?

Olavo: *Logos* divino é a razão, a inteligência divina. Podemos dizer que Deus Pai personifica o poder divino, a onipotência; Deus Filho representa a inteligência divina, o *Logos* criador, a razão criadora; e o Espírito Santo representa o amor que conecta um ao outro e que abrange a todos nós. Não sei exatamente em que contexto usei a expressão “princípio de autoridade”. Posso tê-la usado em contextos diferentes com significados diferentes. Se você puder me esclarecer melhor, citando uma frase em que a usei, talvez eu consiga responder.

Aluno: Poderia me indicar bons filmes e diretores de cinema? Estou começando a apreciar esta arte embora a tenha visto muito pouco.

Olavo: Publiquei no meu site [o texto] “Meu filme predileto”, que é *Aurora*, de Friedrich Murnau² Além deste, gosto demais dos filmes de Fritz Lang e de Roberto Rossellini. Para mim, estes três são a Santíssima Trindade do cinema: Friedrich Murnau, Fritz Lang e Roberto Rossellini. Não perca nenhum dos filmes deles, especialmente *Roma, Cidade Aberta*, de Rossellini, *M, O Vampiro de Dusseldorf*, de Fritz Lang – que é um filme profético – e toda a série do Dr. Mabuse, de Fritz Lang, que é ainda mais profético.

Aluno: Depois da sua exposição das idéias de Descartes, Spinoza, Hegel e Kant, comecei a achar que eles são meio que um bando de doidos. (...)

Olavo: Você não está errado.

² Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/aurora.htm>

Aluno: (...) Quanto a isso, tenho uma experiência pessoal: um dia, antes de dormir, cheguei a duvidar da existência da realidade, da minha própria, e fiquei pensando: que provas tenho da existência disso?

Olavo: Se você não vai acreditar em nada em que não haja provas, estará invertendo totalmente a ordem da realidade, porque a prova é uma sucessão de raciocínios baseada em alguma premissa que você vai ter de tirar ou dos princípios da própria lógica – como o princípio de identidade – ou de algum dado da experiência. A existência de provas supõe a existência de uma realidade da qual se puxam as premissas. Portanto, a idéia de não acreditar em nada que não está provado é a idéia mais imbecil que alguém pode ter colocado na cabeça. A esfera daquilo que se pode provar é mínima em relação ao campo total da experiência e a prova só é necessária quando a coisa por si mesma não afirma a sua existência. Por exemplo, se você está vendo um elefante, não faz sentido dizer: “Que provas tenho de que este elefante existe?” Porém, há coisas que não vêm com a evidência imediata; então, neste caso você pode procurar provas, mas a evidência imediata, que é a evidência de presença, não tem porque e nem precisa ser objeto de prova.

A prova supõe a existência da evidência, ou seja, de algo que é uma verdade que se impõe por si mesma e que não pode e nem precisa ser provada. Por exemplo, você pode passar o resto da vida tentando provar o princípio de identidade, e não vai conseguir, mas ao mesmo tempo todas as provas se baseiam no princípio de identidade. A prova tornou-se, portanto, uma espécie de fetiche da mentalidade moderna, quando na verdade as condições para que exista um conhecimento racional científico são:

(1) A existência de evidência: evidência é algo que se impõe por si mesmo, por cima de toda e qualquer necessidade de prova. Se não existe evidência não existe prova. O que é uma prova? É transferir a veracidade de uma afirmação para outra afirmação e ir recuando até a primeira afirmação – até o ponto em que não há mais necessidade de prova porque existe a evidência.

(2) Para se provar algo, tem de se criar um nexos entre aquilo que é evidente e aquilo que não é, de modo a transferir a veracidade da evidência para uma afirmação que por si mesma não é evidente.

A primeira condição, portanto, é a existência da evidência; a segunda, a existência do nexos entre evidência e prova.

(3) É necessário que esse nexos [entre evidência e prova], por si mesmo, seja do tipo evidente, e não provado, porque, caso contrário, o [próprio] nexos terá de ser provado.

Sem essas três condições não há conhecimento algum. Quando a pessoa descobre a existência da arte da prova, fica fascinada e quer provar tudo. Com isso, ela só consegue paralisar a própria inteligência. Mas lembre-se sempre disto: toda prova se baseia numa evidência anterior que não depende de prova.

André Lira: Professor, gostaria de saber porque os americanos não perceberam e como um país livre como os EUA não reagiram a hóspedes tão mal-intencionados como Marcuse e companhia.

Olavo: É preciso lembrar o seguinte: até a Segunda Guerra, os EUA não tinham um serviço secreto para operar no exterior. Eles criaram a OSS (Organização do Serviço Secreto) – que depois se transformou na CIA – somente depois do início da Guerra, ao passo que, outros países, especialmente a URSS, já tinham [serviço secreto] desde a década de 1920. Então, os EUA chegaram monstruosamente atrasados nesse setor. Em segundo lugar, durante a própria Guerra, a URSS era aliada dos EUA, e não ficava bem [para os norte-americanos] investigar

muito os agentes comunistas; então, fizeram vista grossa. Quando acordaram, [muitos comunistas] já estavam nos EUA.

Aluno: Quando se conhece a frase de Tertuliano, que chama Satanás de “macaco de Deus”, e quando se lembra Santo Agostinho, que considerava pecado essa sombra como uma busca equivocada de Deus, a realidade então se nos apresenta como constituída por duas partes: uma, real e outra, por assim dizer, a contrafação da primeira. (...)

Olavo: É isso o que a Bíblia chama “o mundo”. A alma tem três inimigos: o mundo, o diabo e a carne. O que é a *carne*? Como só tomamos conhecimento das coisas a partir do corpo, achamos que ele é o centro da realidade e começamos a medir as coisas por esta base. O *diabo*, já sabemos o que é. O que é o *mundo*? É o mundo do falatório, o que as pessoas dizem, que é constituído eminentemente de mentira e ilusão. É claro que nem tudo é mentira e ilusão, mas, de certo modo, estamos condenados à ilusão por aquele fator que mencionei, que é o trauma da emergência da razão, ou seja, desde que você nasce, está submetido a condições e dificuldades que você só poderá dominar com o máximo desenvolvimento de sua capacidade racional, só que você não tem essa capacidade ainda. Então, o que faz? Você se apega a símbolos da razão: pessoas, coisas, instituições, que para você personificam a razão — seu pai, o partido, o Vaticano, um guru, qualquer coisa —, e começa a depender dessas fontes. Esse processo já é irracional em si mesmo. O símbolo da razão é um elemento provisório no qual você se apóia até ter o domínio maior da razão. [Acontece, porém, que] o próprio símbolo tem uma força por si mesmo, que atrai e tende a continuar substituindo a razão depois. Esse fator já [é suficiente para] nos colocar dentro do mundo da ilusão e da mentira quase que necessariamente. E isso é um dos aspectos mais fundamentais do que a Igreja chama de pecado original, quer dizer, uma falha originária da qual o ser humano não escapa. É claro que não temos culpa pessoal pelo pecado original, mas é uma marca que temos em nós.

Aluno: (...) Na aula passada, o senhor falou sobre a psicose informática, e numa outra, sobre a busca do impossível que resulta na sua caricatura e, pior ainda, na sua negação. (...)

Olavo: Estamos cheios de promessas impossíveis. Ainda que um sujeito diga, por exemplo, que vai acabar com a pobreza, isso nunca vai acontecer, porque a pobreza é a falta de meios para o indivíduo lidar com a sua situação. Ocorre que, historicamente, as situações mudam e os meios necessários para lidar com as situações também mudam. Qualquer novo meio que a tecnologia invente é, por definição, de início, propriedade só de uma elite. Quando inventaram as armas de fogo, pouquíssimas pessoas tinham acesso a elas; quando inventaram a imprensa, pouquíssimas pessoas tinham livros, e apenas ao longo do tempo aquilo se distribuiu para o mundo. Mas, quando isso chega a todos, já houve uma nova tecnologia que inventou um novo meio que, por definição, pertence à elite. Isso não tem solução e nunca vai ter, porque inventar um equipamento qualquer para melhorar a vida humana é uma coisa, e inventar o processo de produzi-lo em larga escala é outro problema. Logo, existem dois problemas tecnológicos diferentes, e o segundo, por definição, demora mais para se resolver do que o primeiro.

Se descobro, por exemplo, a cura da Aids e invento o remédio, para conseguir produzi-lo em escala industrial, será preciso uma segunda tecnologia, que não tenho e que vai demorar algum tempo para aparecer. Isso faz parte da condição humana. Antigamente, antes de inventarem o automóvel, ninguém precisava dele, mas quando o inventaram, ele foi um meio de ação que inicialmente pertenceu só a uma elite, e a maioria não teve acesso. Ou quando inventaram a *Internet*: no início, só um pequeno grupo de pessoas tinha computador. Isso é sempre assim e a falta desses meios produz uma condição de impotência que denominamos pobreza. Isso nunca será resolvido.

Aluno: (...) Essa paralisia mental da psicose informática e que penso ser coisa bem diversa, creio, assemelha-se a um estado que às vezes experimento quando digo de mim para mim: “Não sei nada, não estou entendendo nada, não posso avaliar coisa alguma, não sei como agir”. (...)

Olavo: Essa é a hora certa para você rezar e dormir. Sinto isso todo dia: “Não estou entendendo nada, mas felizmente o destino do universo não depende de mim. Veja que coisa maravilhosa! Vou dormir e tudo vai continuar funcionando normalmente”. Deixe para Deus. Você não pode tentar fazer todo o serviço d’Ele, deixe-O fazer uma parte pelo menos. O filósofo Alain [pseudônimo de Émile-Auguste Chartier] dizia que ninguém conseguiria dormir se não estivesse inteiramente convicto de que todos os problemas poderiam ficar para amanhã. E esse estado de total passividade e aceitação é o complemento normal, natural e desejável da atividade cognitiva e da busca do conhecimento. Existe a busca do conhecimento, que é um esforço, e existe a rendição, o próprio Deus, que permite que você durma.

Aluno: (...) Com relação à busca do impossível, parece que isso é o que de fato vemos nos grandes e desastrosos movimentos políticos, como muitas vezes nas vidas dos indivíduos tomados em si mesmos. (...)

Olavo: Tenho insistido nesse tema: pelo menos até o século XVIII, todos sabiam que o curso das coisas depende de fatores incontrolláveis, mas a partir daí, surge a idéia de se controlar o destino, tomar nas mãos a rédea do seu destino. [Mas isso seria o mesmo que] tomar as rédeas de um cavalo que não está lá: você pega a rédea, fica segurando e não acontecerá nada.

Uma boa fonte de meditação são os limites da ação humana: existem ações reais que você pode empreender tanto na escala física — ter uma medida exata da sua força e suas habilidades físicas, que decrescem com o tempo sem percebermos; ao mais velho, você fica mais fraco evidentemente, mas continua achando que pode fazer as mesmas coisas de antigamente, aí vai fazer e se estrepa — quanto também na escala da sociedade, ou seja, quais são os seus meios de ação? Num meio limitado, pode-se obter um efeito limitado. Às vezes, esses efeitos podem ser bem grandes, mas serão sempre limitados. E mesmo esse efeito limitado terá dentro dele uma parte de imprevisível, como acontece com a educação: nunca se sabe quem vai aprender e como as pessoas vão entender o que está sendo ensinado. Comparo isso à pintura de aquarela: quando desenhamos um céu com aquarela, não damos pinceladas, mas soltamos dois ou três pingos de tinta, jogamos água em cima e mexemos o papel, esperando que se forme uma nuvem. Sempre sai alguma coisa, e aquilo que sai se parecerá com a nuvem desde que se tenha colocado tinta azul e que o azul não tenha tomado todo o papel. Quer dizer, não há um controle, mas apenas uma influência sutil.

Aluno: (...) Contudo Cristo mesmo disse: “Sede perfeitos”. É coisa impossível, nunca o serei. (...)

Olavo: É o Cristo que vai torná-lo perfeito, não é você que vai fazê-lo. Deixe-O fazer! É Ele que completa o serviço, você só começa e pede para Ele fazer o resto sem você perceber. Sempre peço isto: “(...) Mas faça sem eu perceber senão vou interferir e atrapalhar tudo”. Não sabemos como essas coisas funcionam, e, no entanto, elas existem.

Aluno: (...) O livro La défail de la pensée, de Alain Finkielkraut...

Olavo: Não li esse livro, então, nada posso dizer.

Beto Moraes: Por que a sociedade americana estava tão susceptível às idéias frankfurtianas? (...)

Olavo: Para entender isso, você precisa levar em conta aquilo que diz Lionel Trilling no começo do livro *The Liberal Imagination*: a única tradição cultural que havia nos EUA era o que eles chamam de *liberalism*, que no fundo é um progressismo esquerdista. Não existia uma tradição conservadora, mas apenas pessoas conservadoras, sem um diálogo [público] conservador. O movimento conservador nos EUA surge apenas nos anos 40 do século XX. Como apareceu muito tarde, a situação estava realmente aberta. Além disso, é preciso levar em consideração o fato de que o orgulho nacional americano, que em grande parte é justificado por suas grandes realizações, os levam a um defeito de óptica de achar que eles são a força ativa em todo universo e que todo o resto é o “rabo do cachorro” — eles seriam o cachorro, e estão abanando o rabo. Quando aparece outra força ativa, eles tendem a não a reconhecer, tendem a achar que é uma ação tênue, mas que não vai penetrar no país e, portanto, quando o inimigo faz algo contra eles, a primeira tendência dos norte-americanos é achar que foram eles mesmos que fizeram. A própria grandeza os ilude de alguma maneira. Quando se vê, por exemplo, o grau de penetração da KGB nos EUA — a KGB foi a grande força cultural dos EUA nos últimos 60 ou 70 anos —, para um americano reconhecer isso é [extremamente difícil]; ele preferirá fechar os olhos e deixar que a KGB continue agindo para não ter de reconhecer que foi feito de trouxa.

Aluno: (...) Em que medida a insatisfação da juventude com a própria cultura americana, especialmente com relação à sexualidade, contribuiu para isso?

Olavo: A prosperidade americana, sobretudo depois da Segunda Guerra, criou o que eles chamam aqui de “cultura do *entitlement*”, que significa que as pessoas já nascem com inúmeros direitos. E isso criou gerações de pessoas tremendamente arrogantes: aos dez anos, o sujeito já imagina que tem mais experiência do que o restante da humanidade e já sai julgando a todos. Isso foi a própria educação americana que criou, sobretudo a partir da reforma introduzida por John Dewey.

De modo geral, a democracia é vulnerável a esse tipo de ataques. Qualquer ditador ou qualquer regime totalitário tem muito mais capacidade de ação planejada ao longo do tempo do que uma democracia: no comunismo, os dirigentes podem fazer planos para cinquenta, sessenta, setenta anos, porque nada substancialmente vai mudar, o mesmo grupo vai continuar no poder. Já numa democracia, faz-se um plano, quatro anos depois perde-se a eleição, e o plano vai para as cucuias! Além disso, o debate permanente torna todas as decisões enormemente difíceis. Por exemplo: rarissimamente um governo americano concentrou tanto poder quanto o atual, de Obama; mesmo assim, ele conseguiu fazer o *Obamacare*? Não conseguiu, porque todos dão palpite, todos reclamam. Tudo numa democracia é enormemente complicado.

[Vejam] a história da derrota da França [no início da] Segunda Guerra [com a invasão da Alemanha nazista. Sugiro] o livro de Robert Aron, *Histoire de Vichy* (A História de Vichy), que relata como a França caiu e como teve de se formar aquele governo meio fantoche de Vichy tentando salvar um pouquinho do que havia sobrado. O problema foi substancialmente este: era uma democracia lutando contra uma ditadura, contra um regime totalitário. Na Alemanha, o que o *Führer* mandava fazer as pessoas faziam. Na França, havia milhões de pessoas discutindo e ninguém chegava a conclusão alguma e, ao final, não tomavam providência alguma.

Transcrição: Denis Rinaldi, Felipe Vitorino e Cláudia Makia
Revisão: Caio de Souza Cazarotto